

À LUZ DE EMAÚS

Cléofas e um outro discípulo vão a caminho de Emaús. Descem de Jerusalém, cabisbaixos e desanimados com o que aconteceu. Jesus de Nazaré, aquele por quem largaram tudo, com quem percorreram trilhos e caminhos, cidades e aldeias a anunciar o Reino, foi crucificado. Discutem enquanto caminham, pois sentem que os últimos três anos das suas vidas foram anos perdidos. Voltam para casa amargurados, estilhaçada que está a esperança de terem encontrado o tão aguardado Messias.

No caminho, encontram um desconhecido que ignora o que aconteceu nesses dias em Jerusalém, algo que os irrita ainda mais. Contam-lhe tudo, abrem-lhe os seus corações e Ele escuta. Quando terminam, Ele adverte-os, dizendo: «Mas isso foi o que Moisés e os profetas nos disseram que tinha de acontecer». Então o desconhecido abre-lhes as Escrituras e eles escutam (Lc 24, 13-35).

Na Eucaristia, após a proclamação do Evangelho, escutamos a homilia. Então, tal como as palavras do desconhecido no caminho levaram os discípulos de Emaús a reconhecer Jesus, também as palavras do sacerdote devem ajudar-nos a reconhecê-lo nas nossas vidas, abrindo as Escrituras, relendo-as à luz do tempo presente e oferecendo-as como alimento espiritual a quem escuta.

Naquela casa em Emaús, ao partir do pão, os discípulos experimentam um vertiginoso crescimento nas virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade. Ao reconhecerem Jesus, a sua confiança em Deus foi reforçada, a sua esperança no futuro restaurada e a vontade de sair de si em amor que serve despertada.

Quando preparo homilias, procuro muitas vezes esta luz de Emaús. Tendo diante de mim a Palavra de Deus e a comunidade, em todo o seu fulgor e dor, pergunto-me: como posso ajudar esta

comunidade a crescer em confiança em Deus (fé), a ver um futuro além das sombras do desânimo (**esperança**) e a entregar-se em amor que serve (**caridade**)?

Naturalmente, cada sacerdote tem os seus dons e capacidades, cada comunidade as suas idiossincrasias, e a homilia não é um discurso motivacional. Uma homilia pode ter algo de catequese, algo de exegese, algo humorístico, algo doutrinal, algo prático, algo divertido, mas não é nem uma aula nem um espetáculo, não é nem uma conferência nem um comício.

A homilia é um momento de partilha e sintonia, em Cristo, entre sacerdote e comunidade, pelo que será sempre um reflexo da sua relação com Deus, transparência da vida divina nas vidas uns dos outros, onde devem estar presentes denúncia e anúncio, e ecoar, a cada respiro, as palavras do profeta Isaías: «*consolai, consolai o meu povo*» (Is 40, 1).

A homilia é um encontro com o Ressuscitado, e deve ser preparado. E se a responsabilidade maior pela homilia pertence ao sacerdote, é indiscutível que a comunidade pode assumir um papel mais ativo, começando por crescer em familiaridade com os textos que irá escutar. Na véspera da missa dominical, ou no próprio domingo, seria bom que, em família ou com um grupo de amigos, se meditasse as leituras e se partilhassem intuições e dúvidas, terminando com um propósito que permita colocar o Evangelho em prática durante a semana.

Todos nós somos chamados a percorrer o caminho de Emaús. Deixemos que, através da Sagrada Escritura e como comunidade, o Senhor rasgue um horizonte de esperança, se faça presente no meio de nós e nos inspire a anunciar a sua bondade com gestos que acompanham palavras, com feitos que são, em si mesmos, Evangelho.

Nelson Faria, sj



toma e lê

BOLETIM
DOMINICAL
INTERPAROQUIAL

Ano B

XIV DOMINGO | TEMPO COMUM

07 | JULHO | 2024

n.º 739

JESUS DIRIGIU-SE À SUA TERRA

Continuamos a proclamar e a escutar na Santa Missa Dominical (Ano B) o Evangelho de São Marcos que nos narra Jesus no longo e profundo “caminho” desde o Batismo no Jordão até Jerusalém, para consumir a Sua paixão-morte-ressurreição.

É no caminho que tudo acontece! Passando de uma margem para a outra, apertado por uma multidão, tocado nas suas vestes, vai até à casa de Jairo!

Hoje, Jesus vai à Sua terra, à sinagoga para participar; e aí, como adulto israelita, leu e comentou as Escrituras.

E, a reação dos conterrâneos foi de “desprezo” e “falta de fé”!

Hoje, és tu quem entra na Sua Igreja. Jesus quer ouvir a tua vida, os teus anseios, os teus sonhos, os teus dramas!

De que modo podes confiar n’Ele? Podes ser como Ezequiel (*primeira leitura*), “homem ligado à terra”, a quem Deus te quer fazer “profeta” para os dias de hoje? Como podes ter a “força” e o “poder” de Deus? – como nos narra São Paulo aos

Coríntios (*segunda leitura*).

Antes do grande discurso do capítulo 6 do Evangelho de São João, sobre o PÃO DA VIDA (*EUCARISTIA*), vamos seguir mais dois domingos no “caminho” de São Marcos, como chamados a fazer parte do “rebanho” de Cristo.

Somos cristãos uns com os outros! Precisamos de todos centrados no coração de Cristo Vivo, atuante no meio de nós – Sua Igreja, Seu Povo!

Ousemos “deixar” as nossas trincheiras de um cristianismo “mergulhados

sobre os nossos interesses pessoais, tradicionais e devocionais”; e, arrisquemos escutar o Espírito Santo, verdadeiro guia eclesial.

O que posso fazer para que Cristo seja conhecido e amado?

Como posso levar este Jesus a toda a gente: incompreendidos, insatisfeitos, indiferentes?

Hoje, Jesus vem à “terra” do teu coração! Na comunhão eucarística, como o recebes?

Pe. Samuel Vilas Boas



PARÓQUIA DE SANTA MARINHA DA COSTA

A FESTA DOS SANTOS

Mas o dia da festa de Nossa Senhora, do Santo ou da Santa padroeira da Paróquia, Unidade Pastoral, Concelho, Santuário, Confraria ou Irmandade, enquanto manifestação popular traz consigo valores antropológicos e cristãos que têm de ser considerados:

- O encontro da família, dos vizinhos e dos amigos;
- A experiência da gratuidade e da liberdade que remete para a transcendência;
- A novena ou tríduo de preparação com a Eucaristia, a Reconciliação, a escuta da Palavra, o rosário, a reflexão e a oração comum;
- A veneração dos Santos;
- A celebração solene da Eucaristia;
- A procissão como acto público de fé, de peregrinação e de expressão da piedade popular;
- A esmola com dignidade e discrição, sem a ostentação do dinheiro nas fitas das imagens; deve cuidar-se a modéstia e a humildade, bem como a discrição, como Jesus recomenda no Evangelho: «Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita» (Mt 6, 3).

Na verdade, muitos mordomos e comissões de festas religiosas populares dedicam-se, de alma e coração ao serviço deste espírito genuinamente cristão que envolve as festas das nossas comunidades paroquiais. Contudo, verificamos que alguns mordomos e comissões de festas se movem mais nas vertentes económica e lúdica das festas do que na sua dimensão cristã fundamental.

É um enorme desafio para nós, superar o aspecto pagão, comercial, utilitarista e laicista da festa.

Da nota pastoral "O sentido autêntico das festas cristãs", da Diocese Bragança-Miranda

Eucaristias

SEMANA de 10 a 14 de JULHO de 2024

DIA	LOC/HORA	INTENÇÕES
QUARTA, 10	Cap 19h00	† Aniv. – Maria Fernanda Pereira Eusébio Gomes' † Aurora Nogueira Ferreira e Albano Matos Gonçalves e Família'
QUINTA, 11	Cap 19h00	† Em honra de São Roque e pelos benfeitores da Capela'
SEXTA, 12	Cap 19h00	† Armando Abreu Fernandes, José da Cunha Oliveira e Maria Rosa Alves † Francisco da Silva Ribeiro
SÁBADO, 13	Igre 19h00	† 7.º DIA – José Miguel Ferreira da Silva Guerra' † 30.º DIA – Camila de Lima' † Domingos Fernandes e Maria Aurora de Castro † João de Araújo e Laura Ribeiro' † Luís da Cunha Ferreira e Pais † Manuel Pereira Batista e José Manuel Ferreira Vieira † Manuel Ribeiro, Belém Silva e José Silva Ribeiro'
DOMINGO, 14	Igre 10h00	† Maria da Conceição Costa e Rodrigo da Silva Abreu Vieira † Maria da Conceição Melo Martins † Maria dos Anjos Freitas, marido Francisco Araújo e Filhos' † Maria Madalena Miradouro Pimenta e Laurentino Oliveira † Armando José Castro Leite e Avós † Aniv.s – Abílio António Teixeira, José Ferreira e José Manuel Teixeira Ferreira' † João António, Belém Teixeira e João António Teixeira' † Maria Rosa Teixeira, marido José Joaquim, e Rosa Maria Azevedo da Silva'
	Sant 16h00	†

Contatos

Largo Domingos Leite de Castro, Costa, 4810-011 GUIMARÃES, 253 412 475 / 969 410 582
www.paroquiadacosta.pt - paroquiadacosta@gmail.com - www.facebook.com/ParoquiaDaCosta

PARTILHAR O PÃO, ALIMENTAR A ESPERANÇA

Reconheceram-n'Os ao partir do pão

Lc 24, 35

5º Congresso Eucarístico Nacional

Braga

2024

31 de maio a 02 de junho

ENCONTRAR O PÃO NA PALAVRA

Meditação eucarística



Os conterrâneos de Jesus estavam demasiando fechados no que conheciam de Jesus: carpinteiro, filho de Maria e com família bem conhecida. A abundância de conhecimento pode provocar fechamento ao inaudito da novidade evangélica. Quando se pensa que se sabe tudo, fica-se surdo ao inefável, perdemos a inocência da criança que permanentemente pergunta porquê. Diante da Eucaristia, aceita-se a derrota da razão e dos sentidos. Mistério da Fé, a presença de Cristo no Pão Consagrado não está fundada em nada que saibamos ou que experimentemos. Como os conterrâneos de Jesus, também nós somos chamados a ir mais além das aparências e do que sabemos para discernirmos, pela fé, Cristo presente no meio de nós.

A CAMINHO DO JUBILEU DE 2025

"ENSINA-NOS A REZAR" – PARA UMA ESCOLA DE ORAÇÃO



No Evangelho de Lucas, encontramos os discípulos de Jesus que se aproximam do Mestre com um pedido profundo e significativo: «Senhor, ensina-nos a rezar» (Lc 11,1). Este pedido, que reflete certamente a consciência dos seus limites e da necessidade de uma indicação prática relativamente ao modo de rezar, esconde também, dentro de si, uma dimensão própria de cada pessoa: a necessidade de um mestre, de um guia que introduza nas coisas mais importantes da vida.

Na escola de um mestre, o discípulo pode crescer apenas se caminhar no sulco marcado por quem o guia: caminhando nos mesmos passos do mestre, de facto, ele será capaz de apreender sua capacidade e, pouco a pouco, nascerá aquele senso de emulação que um dia lhe permitirá alcançar o mesmo conhecimento: «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando», «quem crê em mim também fará as obras que Eu realizo, e fará obras maiores do que estas» (Jo 15,14; 14,12). Estas palavras, advertidas pelos discípulos, também para o que diz respeito à oração: estando na presença do Mestre, são atraídos pelo seu modo de rezar, pelo seu retirar-se para um lugar afastado, pela relação com o Pai que se manifesta também através da consciência profundamente enraizada na oração contínua. Assim nasce a atração por essa relação de Filiação, a ponto de desejarem fazer parte dela.

Graças a este desejo, o Mestre decide ensiná-los a orar, dando assim vida a uma verdadeira "Escola de Oração", que transformará o desejo numa verdadeira experiência, capaz de plasmar a sua relação com Deus e, portanto, com os outros homens. Tudo isto aponta para o que o Santo Padre recordou várias vezes, sublinhando que a oração não é apenas uma atividade, mas é comparável «ao respiro da alma», expressão de uma necessidade profunda e natural de cada ser humano. A oração, segundo o Papa Francisco, é um verdadeiro diálogo com Deus, um «face a face com Ele» (Meditação matinal na Capela da Domus Sanctae Marthae, 15, março, 2018), um momento de escuta e resposta, onde os fiéis se abrem à vontade e à orientação do Senhor.

Desse ponto de vista, o pedido dos discípulos revela que a oração não é uma fórmula de comunicação automática, mas, pelo contrário, requer ensino, disciplina e modalidades que só o Mestre pode indicar. Assim como os discípulos pediram a Jesus que os ensinasse a orar, também nós, para entrar numa relação mais íntima e pessoal com Deus, não devemos ter medo de pedir ajuda, em primeiro lugar, ao Mestre e, posteriormente, àqueles que, como guias espirituais, caminham na presença do Senhor há mais tempo e já aprenderam a reconhecer os passos e o caminho.

(textos recolhidos do Subsídio elaborado pelo Dicastério para a Evangelização)

JUNTOS NO CAMINHO DE PÁSCOA Levar Jesus a todos e todos a Jesus

